

para teatro. Em breve estará publicando seu primeiro livro de crônicas denominado *Silêncios Atemporais*, uma coletânea com 100 crônicas escritas em diversos jornais e revistas da região Petrolina/Juazeiro, entre os quais destaca: *Jornal Folha Verde*, *Jornal de Juazeiro*, *Correio do Sertão*(extinto), *Gazzeta Regional*, *Máscaras-Jornal de Artes*, *O Cerveja-Jornal*, *Revista Com Você*, *Art Pop Zine- Revista Cultural*, *Jornal do São Francisco* e *Jornal da Cidade*. O poeta possui um acervo com mais de 400 canções de sua própria autoria, nos estilos mais variados, passando pelo forró, samba, rock e já se prepara para este ano lançar seu primeiro CD intitulado *Sacolejos & Manejos* uma coletânea com 14 forrós que buscam dinamizar e melhorar o conceito desta espécie de música no país. Atualmente, Aroldo desempenha a função de Auditor Fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia, em Juazeiro/BA, desde março de 1994 após conseguir aprovação em concurso público realizado em outubro de 1993. A partir de outubro de 1998 passou a fazer parte do Conselho Acadêmico do *Clube dos Escritores Piracicaba*, ocupando a cadeira de nº30 que tem como patrono o poeta Brasília Machado.

AROLDO FERREIRA LEÃO

MONÓLOGO DAS SOMBRAS

1ª Edição, 2000

APOIO CULTURAL

Talentos *strategic marketing*
escritório de design

Gráfica Mandacaru

Clube dos Escritores Piracicaba

DADOS SOBRE O AUTOR

AROLDO FERREIRA LEÃO, poeta, potiguar, nasceu em Parnamirim/RN a 12 de outubro de 1967. Desde os 15 anos de idade escreve com frequência, já contando com mais de 10.000 poemas escritos, que espera algum dia possam ser avaliados e pesquisados. É formado em Engenharia Elétrica, com ênfase em eletrônica, pela UFRN(Universidade Federal do Rio Grande do Norte) em Natal/RN e também obteve créditos de Mestrado, na UFPB(Universidade Federal da Paraíba) em Campina Grande/PB. Começou a publicar seus primeiros trabalhos no jornalzinho cultural *Vôo Primeiro de Uma Arribação* em Natal/RN na década de 80. Possui dez livros de poesias publicados, respectivamente: *A Trilogia da Dor*, 1995; *Carta a Tio João Cordeiro*, 1996; *Alfabetizando a Alma*, 1997; *Presságios*, 1997; *Sisuda Acidez*, 1998; *A Janela do Sótão*, 1998; *Harmonia Dissonante*, 1999; *Impactos Azuis*, 1999; *O Espelho dos Labirintos*, 1999; *A Alquimia do Impreciso*, 2000. Está no prelo seu mais recente trabalho intitulado *O Eco das Distâncias*, livro de teatro, especificamente composto por três atos que se

*Mesmo que os cantores sejam falsos como eu
Serão bonitas, não importa, são bonitas as canções*

CHICO BUARQUE

*Quem é pedra como eu sou
Bebe a água do amanhã*

ALDIR BLANC

*Agora senhora, são tantos anseios
Promessas de amor delirantes
Mais tarde agonias, silêncios, receios, mistérios
Só dos navegantes*

PAULO CÉSAR PINHEIRO

*Nos dissolvamos sem fazer ruído,
Sem tempestades de ais, sem rios de pranto...*

JOHN DONNE

- CCXI) Levou uma corte tão profundo na alma que chegou a sangrar seus fantasmas e a vomitar as possibilidades de tédio em si mesmo.
- CCXII) O tempo nos dimensiona nas coisas, nos traz certas esperanças que nos enchem de alegria e vivacidade.
- CCXIII) A vida é a união de nossas necessidades com nossos pensamentos e sentimentos sempre alicerçados na ancestralidade que trazemos em nossos espíritos.
- CCXIV) Cantar é um grande remédio para encantar os males que nos assombram, para construir em nossos interiores a força das harmonias que se decodificam na solidão do universo.
- CCXV) Em nossas tolices e mesmices têm-se o espectro sorumbático das sandices que nos trazem nossas percepções do longe.
- CCXVI) Nascemos das químicas líricas, das mímicas cítricas que nos convidam a sermos palhaços de nós mesmos.
- CCXVII) Paradoxos nos colocam em nós mesmos, nos abrem às indefinições e às verdades das coisas.
- CCXVIII) Murchos espiritualmente, seguimos.
- CCXIX) Há um envelhecer em nossas indagações, um hábito de perpetuar no tempo nossos questionamentos a respeito da vida.
- CCXX) Nos unamos, urgentemente nos unamos. Respeitemo-nos, compreendemo-nos,

BIBLIOGRAFIA

I. Livros

- a) *A Trilogia da Dor*, Edição do Autor
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1995;
- b) *Carta a Tio João Cordeiro*, Edição do Autor
Gráfica Franciscana, Petrolina/PE, 1996;
- c) *Alfabetizando a Alma*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997
- d) *Presságios*, Edição do Autor
Gráfica Tribuna do Sertão, Petrolina/PE, 1997;
- e) *Sisuda Acidez*, Clube dos Escritores Piracicaba
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- f) *A Janela do Sótão*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1998;
- g) *Harmonia Dissonante*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- h) *Impactos Azuis*, Editora Gazzeta
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- i) *O Espelho dos Labirintos*, Editora Gazzeta
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 1999;
- j) *A Alquimia do Impreciso*, Editora Mandacaru
Gráfica Mandacaru, Petrolina/PE, 2000.

APRESENTAÇÃO

- CCVI) O desconhecido
Somos nós,
Pós
Da última quimera,
Megera
De olhar indefinido.
- CCVII) Quanto mais gritava
Ninguém o escutava.
Resolveu
Ser o sonho ausente,
Novamente
Ninguém o entendeu.
Percebeu
Que tinha uma solidão
Corrosiva, uma expansão
Que nunca o preencheu.
- CCVIII) Segredos roubados
Dos alados
Lados
De uma alma de desacordados
Sentimentos endiabrados.
- Sonhos cantarolados
Por vozes roucas, sons roubados
Dos estados
Sempre ativos do ser, esmiuçados
Nesses descampados
- Onde animais pastam, ilhados,
Procurando passados
- E futuros alicerçados
No presente de seus olhos calados.

Na indefinição dos instantes que me envolvem, percorro minha própria inexatidão com inquietude e silêncio. Distribuo-me na impaciência, procuro-me onde não vou me achar. As interrogações fundem-me aos destinos que como eu estão isolados em si mesmos, presos aos cíclicos olhares das coisas. São desarmonias que me harmonizam, incertos caminhos me encontram sem caminhos para percorrer, me movimentam nos segredos de ninguém. Fatalidades me obrigam sempre a estar além de mim mesmo, me detêm nas penumbras dos pensamentos solitários, nas razões que se desarticulam involuntariamente. Buscando explorar e dialogar com meus receios e fantasmas, criei em *Monólogo das Sombras* um texto teatral dividido em três atos que interagindo de forma filosófico-poética tenta propor ao leitor uma concepção de sentimento e pensamento voltados para o interior de nós mesmos, incertezas abertas às impropriedades do mundo. No referido texto há ainda quinze canções que buscam dinamizar e humanizar as percepções do ouvinte, com relação as coisas que o envolvem e o transformam,

De roer no dia-a-dia
Da melancolia
Que envelhece
Conosco
Como um sol fosco.

CLCIV) Princípios são as
Últimas coisas que nos
Vêm, homens nocivos.

CLCV) O amor envelhece
A alma, mora no infinito
De nossas certezas.

CLCVI) Abraçou-se com
A vida, acolheu seus medos
Com muita ternura.

CLCVII) Quanto mais subia
Mais descia na gangorra
Da elevação dele.

CLCVIII) Tenso, desolado,
Pensou na felicidade
Das pessoas justas.

CLCIX) Estafado de
Pensar, estabeleceu
Em si rumos góticos.

CC) Não temos quilate
Espiritual. Em nós
As luzes se apagam.

CCI) O tempo não tem
Pés, mas corre depressa e
Nos deixa sem tempo.

MONÓLOGO DAS SOMBRAS

(T E A T R O)

CLXXXVIII) Diante

De sua errante
Condição
De Infante,
Sem terras
Nem guerras
Para participar,
Resolveu cantarolar
A canção
Das serras
Por onde passou
E por lá ficou.

CLXXXIX) Escorou-se nas ilusões,
Amputou-se naturalmente.
Trafegou pela solidão
Silenciosa de qualquer sensação
Estabelecida
Na sua visão tímida.

CLC) Viu-se no lume
Do estrume
Que não aduba,
Na macaúba
De gosto
Oposto
Ao que esperava,
Na brava
Situação
Da ação
Sem concepção.

CLCI) Existem
Em ti
Incertos
Gorjeios

ATO 1:

- I) De nossas indecisões nasceu o acaso que nos une.
- II) Somos o que sobrou de nossos olhares dispersos nos contratempos da vida, a luz que não acende quando se mais precisa, o lado estragado das coisas mortas.
- III) A verdade não está em nós, ela não pode nos habitar. O silêncio circunstancial de nossos medos nos transforma em seres divididos, criaturas enraizadas em seus desejos.
- IV) Há deslizos indecifráveis em nós, conceitos que nos definem no improvável, visões turvas que nos põem frente a frente com nossa frágil condição humana atrelada a sensações que nos tornam vazios intuítos sem sentido.
- V) Mas a voz dos infinitos nos mantêm presos aos segredos de nós mesmos, nos modelam na realidade irreal de nossas vidas.
- VI) O tempo nos escolheu para dançarmos o samba dos escuros. A voz dos ecos que não existem nos condicionam a sermos exageradamente falsos e atrapalhados.
- VII) Nós somos o esquecido, a inconveniência dos atos que nos atrapalham e nos lançam no caos das coisas.
- VIII) A dor está em nós. Agonias nos conduzem por caminhos sombrios e solitários.
- (IX) Divisões nos silenciam, nos entrelaçam nas ancestralidades.

CLXXI) Mares semi-abertos
Em nossas espíritos
Nos põem em cíclicos
Movimentos soltos
Na realidade

Irreal de nossos
Desejos movidos
A vaidades e
Contratempos, velhos
Sais de gostos tortos.

CLXXII) Erradas
Visões
Caladas
Distraem

As faces
Que se
Retraem
Diante

De certos
Conflitos,
Desertos
Aflitos

Atados
Aos hálitos
Serenos
Da aurora.

CLXXIII) Na bondade dos espíritos elevados
encontramos a lucidez dos que enxergam longe.

CLXXIV) O sonho nos conduz à eternidade, nos torna
mais acesos espiritualmente.

XII) Ecos transformam vozes rasteiras,
Rondam os mistérios insossos
De cada um de nós.
Onde vamos tão apressados,

O que queremos dos outros e de nós mesmos?
Nossa angústia atrapalha a alegria de muitos,
Nossas desavenças interiores
Se exteriorizam na realidade conturbada dos dias atuais.

Estradas nos redefinem
Em antigos passos que
Nunca demos,

Nos induzem a irmos além
Do que já fomos,
Animais secos e doídos.

XIII) Sons
Soltos
Em
Nós

Têm
A
Cor
Das

Luzes
Que
Não
Brilham.

São estranhas
Nossas cores
Quando estamos
Nesses ramos
De mundos frios.

CLXVIII) Suponho
Que estás
No sonho
Desse ás

Sentido
Partido,
No ouvido
Parido

Do inconho
Ser, cais
Tristonho,
Porto e ais.

CLXIX) MÚSICA 12

“TEMPO”

Tempo de amar,
De conquistar
Novos espaços
No ser.

Tempo de estar
No luar
Dos descompassos
Do viver.

Inseguro, algo
O desmontou
Por dentro sempre,
Viu-o sem ímpeto.

XVII) Angústias tornaram-no
Frágil, deslocado
Das coisas, amante
Das essências tortas,
Calado conceito

Atrelado às fugas
Divagantes da
Vida. Foi um homem
Estaticamente
Solto nas verdades.

XVIII) As distâncias nos fundem
Às estradas que nunca

Percorremos, nos vêm
Nas placas sujas dos

Caminhos que não levam
A lugar nenhum, nunca.

XIX) Vícios nos concentram na
Realidade de nossa
Esquizofrenia. Úmidos
Receios nos conciliam
Com a impossibilidade
Dos sorrisos disfarçados
Em inseqüências ágeis.

XX) Na tranqüila solidão de si mesmo solidificou
idéias inúteis.

- CLXII) Somos
 A
 Dor
 Do
 Outro,
- O
 Ermo
 Campo
 Em
 Que
- Pastam
 Seres
 De
 Sonhos
 Pálidos.
- CLXIII) Sonâmbulos
 Procuram
 Por seus
 Silêncios
- Andando
 De um lado
 Para outro,
 Dormindo
- O sono
 Daquelas
 Figuras
 Ilhadas.
- CLXIV) Possuía
 Uma alma
 Calma,
 Vazia.
 Queria

- XXVII) Adormecidos estamos. Quando acordaremos para a verdade? Nosso leito passeia na escuridão da imensidão que nos consome.
- XXVIII) Buscamos o que queremos e não queremos, nossas vaidades nos fundem a tudo, ou quase tudo.
- XXIX) Vácuos nos preenchem de silêncios e improbabilidades, nos retocam nos empecilhos do mundo.
- XXX) Pouca coisa em nós reflete a espiritualidade da natureza que nos envolve.
- XXXI) Temos um bloqueio forte na mente e no espírito. Ainda não aprendemos a raciocinar nem a amar.
- XXXII) O fim do mundo somos todos nós, auroras abertas a verdade maior de todas as coisas.

XXXIII) MÚSICA 3

“VEGETANDO”

Vegetando seguia
 No mundo das formas
 Não sabia
 Que seria
 Um dia
 Poesia
 E inércia
 Sem normas.

Ruminando queria
 O imundo sorriso
 Que poria
 Na sua sabedoria

Lírico,
Lúdico.

ATO 3

- CXLIX) A esperança está em nós, eternas crianças de confiança escalena.
- CL) O mal não está na alegria ou na tristeza, o mal está em nossos maus atos, em nossa sujeira espiritual.
- CLI) Quem sorri pra vida acaba descobrindo a essência das coisas.
- CLII) Acreditar no que o outro é capaz é acreditar em si mesmo, é por nos olhos da vida a certeza de que um dia seremos felizes.
- CLIII) Se faz necessário transformar nossas percepções e sensações para melhor, provocar em nossos corações um súbito amor por tudo que nos cerca.
- CLIV) Nossas tensões são nossas desalinhadas atitudes sempre carregadas de insatisfações e vaidades as mais diversas.
- CLV) Onde o amor habita não existe mentira, apenas a lucidez de eternidade de um Sócrates.
- CLVI) Maus pensamentos geram maus homens e espíritos levianos demais.
- CLVII) Enxergar longe é enxergar para dentro, é amar os infinitos de nós mesmos.

XLII) Vomitou seus próprios
Desgostos sobre a doçura
De suas visões.

XLIII) Quanto mais queria
Mais se via isolado, íntimo
De suas agruras.

XLIV) MÚSICA 4

“ESPERA”

A vida te espera
Com ou sem quimera.
Quem dera

Sermos
Tudo, termos
Na alma um escudo e vencermos

Nossas
Debilidades sem fossas
Só com novas bossas.

XLV) Variedades de interrogações apenas aceleram as surpresas que nos determinam na vida.

XLVI) Quanto mais futuro nos aguarda mais passado acumulamos em nossas almas.

XLVII) O verdadeiro amor conhece
A força dos fracos, a centelha
Que brilha só na escuridão
Dos seres mortos em si mesmos,

Pulou,
De galho em galho,
Falho,
Com os tinos

Em ritmo tenso. Procurou
Incertos
Desertos
De calores finos.

CXLV) Nele
Um vazio
Tão grande
Que o expande

Na pele
Do óbvio
Maluco
De rosto no vuco-vuco

Do imbele
Sorriso sem brio,
Do torpor
Que conhece seu desamor.

CXLVI) No baú
Do seu passado
Encontrou-se,
Perdeu-se.

Tornou-se
Só, preencheu-se
De enfado,
Esaú

Maldito,
Espírito

LII) O final da linha não é o final da linha, é o início de tantas outras vaidades e esperanças que nos aguardam como sempre nos aguardaram, prontas para nos aperfeiçoarem como gente.

LIII) Quem explora a si mesmo nunca perde tempo com nada. Enxerga com facilidade as mesmices de uma vida deplorável, mas interessante.

LIV) Onde estaremos quando nossas máscaras
Forem tiradas de nossas cansadas
Faces sujas, ilhadas, desoladas
Ante óbvios imprevistos anacrônicos?!

LV) Dentro de nós mesmos
O mistério de ser gente
Nos transforma em vidas
Soltas nas percepções
Eólicas do mundo.

Estamos nos esmos
Sem sentido, na demente
Situação que traz divididas
Sensações
A qualquer espírito imundo.

LVI) No sonho deslizamos,
Vamos
Seguindo em nossos destinos
Como meninos

Cantando em hinos
Seus próprios desatinos.
Lutamos,
Sonhamos

CXXXVI) Visões que cegam
Nos agregam
Aos pântanos
Dos planos
Insanos.

CXXXVII) Esqueceu de ser ele mesmo,
Conviveu
Com seu
Silêncio arredio
Num calafrio
Obnócio.

CXXXVIII) Refrões que não
Existem numa canção
Que jamais
Ecoou trazem sinais

De solidão
Ao coração
Envolvido com os ais
Do mundo. Visuais

Intenções sem senão
Nos abrem à convicção
Dos homens totais,
Tensos e anormais.

CXXXIX) Sublime
É o time
Dos inúteis.

Com goleiros, defensores e atacantes
Sempre distantes
Deste mundo de seres fúteis.

LXIV) Quando repousamos
Na solidão acordamos
Para o que é real.

LXV) Pouca coisa nos
Põe cara a cara com nossas
Múltiplas doenças.

LXVI) No tímido olhar
Do teu aperreio vê-se
O tom das distâncias.

LXVII) MÚSICA 5

“SAIU”

Saiu
De si, partiu
Pra além.
Nem
Percebeu
Que sorveu
O universo
Emerso
E imerso
No seu
Verso
Tenso,
Propenso
A estar
No imenso
Mar
De todo ar
Denso.

Atalho
Que conduz ao galho
No qual as dita-cujas

Repousam confusas,
Intrusas,
Medusas
De bocas lusas,
Difusas
Criaturas cafusas.

CXXVII) Flutuantes instantes
Dissonantes têm luzes
Errantes, montantes

Eletrizados pelos lados
Estragados dos brados
Alados das gargantas

Unidas às vidas
Estarrecidas, cruzes
Erguidas por mãos santas.

CXXVIII) Perdas que em nós se somam nos dividem
sistematicamente.

CXXIX) Nossa comunhão com nossos vazios nos
trouxe a ancestralidade dos nossos fantasmas.

CXXX) Quem perambula por si mesmo acaba com o
tempo descobrindo suas imprecisões e
receios.

CXXXI) Oxigenado de lamentos,
Se viu nos lentos elementos
Que agregam ventos, pensamentos
E sentimentos meio isentos.

Incolores
Gerando
O velho enfado
Na alma entristecida.

Dormimos no monturo
De nosso caos, juras
Vis
Em covis
Hostis,
Ti-ti-tis
Tristes,
Ristes
Silêncios guardando
O espírito suado
De qualquer coisa ilhada.

LXXII) Na vida esperamos pelo que nunca virá, nossa
espiritualidade desestruturada e desalicerçada
contrói vazios atemporais em nós.

LXXIII) O impossível
É visível
Aos olhos do inaudível
Asceta
Atormentado pela meta
A seguir, sempre incompleta,
Inútil, fútil composição
Repleta de ilusão.

- CXIII) Quem de nós sabe algo
De si mesmo?! Quem pode ir
Além de seus sonhos?!
- CXIV) Rápida é a luz dos
Dos instintos, energia
Solta em nossas falhas.
- CXV) Tentou o equilíbrio
Dos perfeitos, caiu em
Si mesmo, calado.
- CXVI) Nobreza perdida,
Vida sacudida por
Divagações tímidas.
- CXVII) Vácuos te organizam
Nas essências, alimentam
Teus sonhos avulsos.
- CXVIII) Sábios seres que
Não se entendem, veiculam
No tempo altas dores.
- CXIX) Prospera quem vai
Além de si mesmo e sonha
Ser justo e sincero.
- CXX) Diante de seu
Corroído caos, manteve-se
Prudente demais.
- CXXI) Derrapou em tônicas
Angústias crônicas, líricas
Visões casuísticas.

políticos corruptos constroem com o nosso dinheiro suas fortunas e ambições. Nosso país é um grande teatro sujo e apagado.

LXXIX) No país do futebol o dinheiro da merenda escolar é desviado, as rodovias são esburacadas e sem sinalização, os aposentados sobrevivem com um salário que não lhes dá condições de uma vida digna e tranqüila, as pessoas com vontade de trabalhar se engalfinham em concursos públicos de poucas vagas e, às vezes, de cartas marcadas.

LXXX) O Brasil se esconde atrás de seus corruptos e malfeitores, não cresce por absoluta falta de honestidade em cada um de nós, indivíduos pouco habituados a verdade. Nesses nossos tempos o samba-do-crioulo-doido nunca ecoou tão vivo, nossa intimidade com o desespero dos outros nos transformou em cidadãos acostumados a louca realidade que nos consome freneticamente.

LXXXI) MÚSICA 07

“ESPERANÇA”

Viver, ter
Esperança,
Crer, ser
Uma criança

Solta no ar
Da verdade,
A singular
Saudade

Teu grito
Seco
Traduz
O eco

Que te induz
A ser só,
Atrito
Sem dó

Na mão
Do conflito
Num órfão
Gesto que te produz.

CIII) Velhas quimeras
Acesas nessas
Fadigas antigas,

Centelhas sinceras
Abraçando o quando
Das brigas e intrigas

Parelhas às feras
Mais abissais,
Às cantigas amigas.

CIV) Na estática dos movimentos organiza-se as
sensações silenciosas dos instantes que nos
preenchem de segredos verdadeiros

CV) Precipícios
Nos isolam,
Atolam
As circunstâncias
Em inconstâncias
Chulas.

LXXXV) Ah, a dor dos sem ninguém, dos inválidos, dos
que lutam toda uma vida e nada conseguem,
daqueles sem família ou teto para morar, dos
injustiçados por motivos banais, dos
esquecidos para sempre.

LXXXVI) Ah, a agonia das surpresas tristes, a voz
abafada por tantas idas e vindas cansativas, a
porta que não quer se abrir quando a saída é
apenas aquela.

LXXXVII) Vede, somos irrisórios. Partículas numa via-
láctea que se expande para todos os lugares,
profundas percepções que se desnorream
com facilidade, torrentes de água poluída
invadindo os espaços cósmicos de muitos
outros espaços que nos fecham diante de
nossa insegurança.

LXXXVIII) Somos cadáveres adiados, carne
espiritualizada por alguns anos,
arrepentimentos que se somam numa longa
caminhada na busca de nada.

LXXXIX) Nos partidos corações sofridos reina certos
desgostos implacáveis, sonhos que se recriam
em quaisquer caos.

XC) MÚSICA 08
“ESPÍRITO”

Espírito do tempo
Ajuda-me a compreender
Meus irmãos.

Desses bosques
Sutilmente
Alojados
Dentro de

Nós, meninos
Reunidos

Ao redor
De esperanças

E segredos
Viscerais.

XCVIII) Porções de nada
No prato que
Rebeste para
Comer. Vazia

Situação
Que chega, te acha
Sozinho e te
Traz a bolacha

Também de nada
Feita. O que
Procuras para
Seres tão só?!

Não há alimento
Que, vão, te faça
Olhar para a
Vida com graça.

XCIX) Assustado e
Dividido, ele
Seguia não
Sabia pra

Cansaços
Redefinindo
Nossa percepção,

Ruídos
Que só se entendem
Sem audição.

XCI) Agudos sentidos
Redescobrem, no acaso dos tímidos
Olhares, os passos compridos
Das almas soltas nos sons obtidos

Pelos pés do tempo tocando, estarrecidos,
Campos plantados e estabelecidos
Espiritualmente como dissolvidos
Orvalhos amanhecidos

Com total nitidez. Comovidos
Sonhos põem em nossos ouvidos
Os sustentados

E bemóis de certos cálidos
Sentimentos conhecidos
A tempos por fatos doídos.

XCII) És aquilo
Que nenhum grilo
Consegue cantar, crocodilo

Nadando do Rio Nilo
Até o silo
Das coisas secas, esquilo

De correria inglória, mamilo
De leite sujo, asilo
Que só recebe loucos e sonhadores, vacilo
Que conhece o estilo

Humilde do coração tranqüilo,
Pupilo
Que quer ser mais que o mestre, quilo
Que nada pesa, devoto de São Camilo.

XCIII) Somos
Átomos
Nos gomos
Das frutas ácidas, fomos

O hálito das múmias
Nos dias
De melancolias
Intensas, vazias

Criaturas
Duras
De coração, inseguras
Faces sem doçuras,

Dor,
Que forte ou fraca, nunca foi amor.

XCIV) Amanheceste
Único, padeceste
Em vão, sofreste
A fotossíntese, de leste
A oeste,

Das plantas nas floras
Das horas
Amargas. De cócoras
Presenciaste as pioras
De tua alma. Devoras

A ti com tal inexatidão
Que tens uma percepção

Fugidia,
Visceral monotonia que te vem de noite ou de dia.

XCIV) Velha
Dor
Que
Não
Me
Deixa,

Eu
Sei
Quantos
Sou:
Todo
Mundo.

XCVI) Esteve
Passando
Por ruas

Que não
Existem,
Viveu

A incerta
Loucura
Dos homens

Movidos
A sonhos
E encantos.

XCVII) Passeamos
Pela luz

Tanta violência,
Miséria,
Corrupção,

Realidade
Que pune
Qualquer coração.

Ruas tão escuras,
Postes sem
Iluminação.

Estradas que
Só conduzem
Pra escuridão.

Meninos
Olhando a vida
Com falta de pão.

Há dores
Nos envolvendo
Em toda situação.

Vivemos
E não passamos
De uma frágil ilusão,

Corredores estreitos
Que vão dar
Na imensidão,

Vielas que só
Terminam
Na luz da ocasião,

Silêncios
Que se agrupam
Em torno da solidão,

Onde. Doente
De ser quem era,
Articulou-se
Nos temporais,

Pressentiu em
Si a confluência
Dos pensamentos
Soltos na vida.

XCX) Ausente do mundo,
Tornou-se ilhado,
Desolado
Diante
Das circunstâncias.

Vagabundo
Enfadado
De tudo, desnordeado
Ante
Crônicas angústias, adormeceu nas distâncias.

CXI) A matéria
Precisa de idéias.

Cefaléias
Traduzem as epopéias

Das mentes nas boléias
Do tempo, artéria

Que se articula às panacéias
Das almas plebéias.

Luz
Sua
o infinito,

Que traz
A certeza
Da paz,
A beleza

De estarmos
Unidos
A tudo e darmos
Um toque de sutileza nos sentidos.

Crescer,
Estabelecer
Em nós o elo REFRÃO(2X)
Do apelo
Que nos requer
Plenos de saber.

●AS LUZES SE ACENDEM...

- LXXXII) Sentada na cadeira-de-balanço Dona Maria lembra tranqüilamente de seus mortos. Seus avós, pais, marido e filhos já não existem. Resta-lhe ela mesma e a solidão de uma casa sem barulhos. O relógio indica uma hora qualquer, na televisão bobagens vão se intercalando sem parar. Dona Maria que mal come e mal dorme se satisfaz com seu salário mínimo e sonha morrer em paz.
- LXXXIII) Do outro lado da Rua João e Júlia vivem o drama dos inúteis. Com seis filhos para criar e sem emprego, os dois se viram como podem e passam fome para alimentar meia-dúzia de bocas famintas.
- LXXXIV) Logo adiante, na mesma rua, na padaria de seu Juvenal pessoas compram sem parar pão, leite, queijo e muitas outras coisas e a vida vai

Vícios
Nos colam,
Imolam
As ânsias
E demências
Fulas.

- CVI) Gritos de mim em
Ti, acaso que unem as coisas
Que nos pluralizam.
- CVII) Seca dor sedenta,
Água barrenta que, lenta,
Só causa tormenta.
- CVIII) A morte nos põe
De encontro a outras mortes, certas
Incertezas místicas.
- CIX) Intuições nos
Trazem sonhos anormais,
Tons meio confusos.
- CX) No infinito esteve,
Mais uma vez isolou-se.
Tornou-se um fantasma.
- CXI) Na face do tempo
Há traços de eternidade,
Razões que em nós se acham.
- CXII) Agonias que
Nos deixam ilhados, homens
De sonhos volúveis.

ATO 2:

- LXXIV) Vos apresento minha essência, minha correria a vida inteira para lugar nenhum, minha esperança num mundo melhor, minha melancolia que me faz compreender e aceitar vossa eterna falta de confiança na pureza e no sonho.
- LXXV) Vos entrego minhas lágrimas, a melhor parte de meu silêncio, a ternura de meus olhos bestificados ante a solidão dos espaços que nos envolvem e nos equacionam em delírios expansivos.
- LXXVI) Vos peço amor, humanidade. Carinho para com as coisas existentes e inexistentes, vontade de apaziguar os corações atormentados, sutileza para enxergar nos outros nossa própria maneira de sermos felizes ou infelizes.

●AS LUZES SE APAGAM...

- LXXVII) Cá estou num palco escuro falando para pessoas escuras. O lado negro do meu sorriso que não vedes é minha sede de transpor o lado enigmático de nossas parcas concepções a respeito de tudo.
- LXXVIII) Mendigos passam fome nas ruas, presos subnutridos se encurralam uns em cima dos outros em cadeias imundas, hospitais com seus médicos e enfermeiros apressados cuidam de doentes desesperançados, meninos vão para as escolas sem se alimentarem para estudarem com professores mal pagos e mal formados,

CXXII) Fantasmas repousam
No teu silêncio cansado,
Te vêm fechado.

CXXIII) Assombra-me as coisas
Que não se definem em
Mim, tons de sons ermos.

CXXIV) Frações de mim por
Toda a casa indicam que
Vivi aqui juntando-me.

CXXV) Nossas esperanças
Dançam em certos receios,
Nos tornam coesos.

CXXVI) MÚSICA 10

“NOTOU-SE”

Notou-se falho,
Carta num baralho
De cartas sujas.

Viu-se retalho,
Espantalho
Onde corujas

Repousam confusas,
Intrusas,
Medusas
De bocas lusas,
Difusas
Criaturas cafusas.

Sentiu-se alho
No bugalho
Das faces marujas,

(REFRÃO-2X)

LXVIII) Acesas luzes quebradas iluminam tua correria
cansativa, teu destino de constituições nem
sempre sublimes.

LXIX) Enquanto procuras por teu defasado
Sorriso antiquado, és o lado podado
Das plantas fíncadas no solo calado
De algumas planícies soltas num alado
Conceito amarrado a qualquer som sagrado.

LXX) Na tristeza daqueles olhos vejo a luz
Que me traduz nas cores vivas, o segredo
Atormentado das faces onde o degredo
Vai de mãos dadas com o que jamais expus.

LXXI) MÚSICA 6

“DORMIMOS”

Dormimos no escuro
De nós mesmos, criaturas
Vãs,
Sem manhãs
Ou amanhã,
Romãs
Podres,
Odres
Furados guardando
O vinho alado
Da vida.

Dormimos no futuro
Das incertezas, usuras
Tais
Quais
Vícios irreais,
Totais
Dores

CXXXII) Deslocado
De tudo, atado
Às reminiscências,
Foi confluências
E ausências,

Algo apressado
Que, bestificado
Diante das consciências,
Construiu as aparências
Das carências.

CXXXIII) Não se recompôs de suas dores, apenas
procurou viver em paz.

CXXXIV) Ruídos colhidos
Em tempos idos

Contêm latidos
De cães fingidos,

Gritos mantidos
Em ecos lívidos.

CXXXV) Anúncio da Funerária Etérea no Jornal da
Matéria:

“Covas super-novas
Aguardam todos nós.
Nas trovas
De nossas almas vãs,
Há as sovas
Das provas
Que nos transformaram em pós
Sem manhãs.”

Com tanta
Coisa, pertencemos
Aos sons extremos,

A dor que se agiganta
Quando trememos
De medo do que seremos.

- LVII) No chão da sala o
Desenho da lágrima dele,
Sua vida só.
- LVIII) Chorou tanto que
Esqueceu de viver. Algo
Tornou-o descrente.
- LIX) Quem gosta das dúvidas
Acaba compreendendo
Certas agonias.
- LX) Na casa o relógio
Não marcava hora nenhuma
Porque ele era o tempo.
- LXI) A vontade de
Existir nos traz ausências
Que antes desprezávamos.
- LXII) Habitamos o
Deserto dessas canções
De notas caladas.
- LXIII) Vultos que nem sabes
Quem são recriam teu cíclico
Pensamento ilógico.

CXL) Foi guia-de-cego
Com um olho só, prego
Numa parede escura, rego
De águas caladas, burrego
Levando, sôfrego,
Outro burrego a um ponto pego.

CXLI) Raízes
De tuas cicatrizes
Se ramificam nos teus deslizos,
Te reconstroem nos felizes
Reencontros dos espíritos das perdizes.

CXLII) Conflitos nos unem a nós mesmos, nos põem
no silêncio das fotossínteses das árvores sem
folhas.

CXLIII) Algo
Doído no olhar
Singular
Do fidalgo

Deixou-o perdido,
Sem acreditar
Na ímpar
Percepção do instinto dissolvido

Nas coisas. Fantasiado
De angular
Figura insegura, resolveu amar
O estragado.

CXLIV) Não escutou
A voz
Atroz
Dos destinos,

A dor do olhar que se perdeu
Nas coisas, o medo daqueles
Corações lúdicos e vastos,
A corrosão desses espíritos

Entregues a compreensão
Infinita, o sonho sensato
Dos indivíduos dissolvidos
Nas existências irreais.

XLVIII) De tanto procurar o que não sabia, acabou
acumulando no espírito a síntese doentia das
explicações que não interessam a ninguém, a
megalomania das insatisfações que cada
homem traz dentro de si.

XLIX) Não nascemos para entender nada. Apenas
passamos com os anos atrás de necessidades
que nem sabemos muitas vezes quais são ou
serão.

L) Na sua estática cotidiana redesenhou-se
velozmente, distribuiu nos elos que o tornavam
sorumbático a realidade das sensações que o
acompanhavam sistematicamente.

LI) Noções vagas de tudo passavam
Pela sua visão tensa, terna.
Morreu acreditando que o tempo
Lhe transformaria em alguém limpo,
Pronto para transpor seus receios

E fantasmas. Mas não consegui
Nunca conciliar os tormentos
De um ser espalhado em percepções
Lunáticas. Viveu garimpando
Sua alma, menino íntimo do ermo.

De grito
Triste, esquisito.

CXLVII) A
Paz
Que
Não
Chega

Te
Traz
O
Sonho,
Uma

Força
Que
É
Tua
Alma.

CXLVIII) MÚSICA 11

“SUPORTOU”

Suportou
A solidão,
Acordou
Na ocasião

Místico,
Cilíndrico.

Aportou
Na ilusão,
Reformou
A comunhão

- A alegria
Da nostalgia
De um pária
Inconciso.
- XXXIV) Pássaros sozinhos
Cantam para a natureza,
Têm vozes eternas.
- XXXV) O natural não
Não mora em nós. A podridão
Das coisas nos forma.
- XXXVI) Gotas-de-água turvas
Molham o chão homogêneo
Das almas escuras.
- XXXVII) Deu passos errados,
Curupira solitário,
Anjo desconexo.
- XXXVIII) Vagueou de um lado
Para outro de si mesmo e
Só encontrou sujeira.
- XXXIX) Sentimentos lúdicos
Recriam nossos desejos,
Nos tornam sinceros.
- XL) Calafrios íntimos
Apoquentaram-no, viram-no
Unido aos seus caos.
- XLI) Não há exatidão
Em nossas almas, apenas
Luzes apagadas.

- CLVIII) Há alegria nos escuros, faces que se
reencontram no vazio das coisas.
- CLIX) Na sutileza
Do olhar
Vê-se a certeza
- Da compreensão,
O ar
Da percepção
- Que transforma
O verbo amar
Em norma.
- CLX) Pertencemos
Ao inexato,
A esquecidas
Essências
Inovadoras.
- Nada sabemos
Do lado ingrato
Das sentenças polidas
Nas ausências
Sofredoras.
- CLXI) Nas cores presentiu
A deformidade
Das coisas, a claridade
Das luzes
Nos olhos dos avestruzes.
- Nos sonhos ouviu
Os ecos
Dos botecos
Onde os bêbados
Dançam em paz como os cágados.

XXI) Existe um passado nos unindo as coisas que um dia viveremos.

XXII) MÚSICA 2

“ANGÚSTIAS”

Angústias transformaram-no
Em solidão.
Não
Se compreendia.
Vazia
Alma merencória,
Discórdia
Solta na doçura
Escura
De si mesmo.

Cansou-se de tudo.
Mudo, desnor-teou-se.
Olhou-se no velho (REFRÃO 2X)
Espelho de um rosto
Em desgosto.

XXIII) Pousamos na irrealidade com os olhos fixos na imensidão de nossos sonhos.

XXIV) Nada pode nos definir, estamos cansados de nós mesmos.

XXV) O lado podre do que é puro esconde nossas próprias convicções, nos isola.

XXVI) Somos átomos desagrupados por obviedades tolas demais.

A via
Que o levasse ao vago
Arquipélago
Da correria
De mais um dia.

CLXV) Pôr no
Espírito
A lúcida
Beleza

Daquelas
Manhãs
Abertas
A toda

Ternura
Que possa
Haver
No mundo.

CLXVI) Vitrolas,
Que não
Produzem
Nenhum
Som, têm

Ruídos
Vitais,
Concisos
Acordes
Que doem.

CLXVII) Nas entranhas
Dos vazios
Há porções
De senões
Arredios.

XIV) Há um medo
Nos pondo
Além
De nossas

Fraquezas,
Tornando
As coisas
Paradas

No tempo,
Eternas
Tensões
Doídas.

XV) Sonhou que
Seria íntimo
De quaisquer

Ideais,
Morreu louco
E sozinho

Procurando
Por si mesmo
Todo o tempo.

XVI) A morte achou-o
Sedimentado
Em confusões,
Menino de

Conceitos toscos,
Pálido ser
De face escura.
Assombrado e

Tempo de sentir
O fluir
Anatômico
Do atômico (REFRÃO-2X)
Sentimento,
Elemento
Dos elos
De quaisquer pesadelos.

Tempo de lutar,
De voar
Nos mormaços
Do querer.

Tempo de cantar
A ímpar
Sensação dos amassos
Nos rostos sem padecer.

CLXX) No passo
Serenos
Das mãos
Elétricas

Existe
A força
Coesa
Dos atos

Que se
Perfilam
Ante ermos
Anseios.

X) Movimentos da alma desaceleram as contingências, nos transformam em seres espalhados pelas malemolências da vida.

XI) MÚSICA 1

“O QUE SOMOS NÓS”

O que somos nós

Seres

De haveres

E deveres

Inúteis

Rumos tão sós

Indícios

De vícios

Sóbrios,

Táteis

Nos passos

Que demos

Temos e não temos (REFRÃO 2X)

Os traços

Imperfeitos

De nossos defeitos

Espaços nos detêm

Refrigeram

Os ermos que nos geram

E nos esperam

Laços nos contêm

Unem certos

Desertos

Que nos vêm em apertos

CLXXV) Navegar em si mesmo é encontrar essências de amor aquáticas no coração.

CLXXVI) A música dos contratempos e do desespero é a mesma música da elevação.

CLXXVII) Contingências vão nos tornando acostumados com nossas debilidades.

CLXXVIII) Quem voa no seu silêncio possui na alma uma sutileza que refrigera os sentidos.

CLXXIX) O amor é o nosso fim. Ou melhor, o maior dos fins.

CLXXX) Na sofreguidão dos passos que nos determinam na vida abrem-se os caminhos para as nossas virtudes.

CLXXXI) Anseios e receios nos tornam meio sutis.

CLXXXII) Na composição que nos envolve dilui-se a atemporalidade das coisas.

CLXXXIII) Mais dia menos dia estaremos mortos, abortos do acaso.

CLXXXIV) Quem pondera demais acaba sem quimera.

CLXXXV) Quem me dera que de era em era houvesse mais gente sincera.

CLXXXVI) Quem é fera nos escuros sabe dar valor à espera.

CLXXXVII) Quem some na paisagem da alma e um dia aparece falando de si mesmo e das coisas do mundo merece atenção.

Que não
Se podem
Ouvir,
Retratos

CLCII) De alguém
Além
De suas
Ações.
O espírito
Quando é
De paz
Se anima

Com a
Beleza
Das coisas,
Procura,

No espaço
Que o envolve,
As cores
Do amor.

CLCIII) MÚSICA 13

“CANTOU”

Cantou a sutileza
Do perdão,
A incerteza
Da solidão
Que conhece
Os píncaros
E os fossos,
Os ossos
Raros

colocando em seu coração a lucidez da verdade que eu penso existir nelas. Antes de arquitetar o *Monólogo das Sombras* pensei em um só ator para o texto que conseguisse a pluralidade das intuições de sua própria alma, alguém que transformasse sua fala em paz e essência para quem o escutasse. Acredito existir esse alguém, acredito na transformação do mundo para melhor, na reunião de irmãos comungando de idéias humildes a respeito de tudo. Com relação a questões como iluminação ou montagem do palco ou quaisquer outras pertinentes a representação do texto, deixo a cargo de quem for representá-lo. Basta apenas que tenha um pouco de sensibilidade e humildade no coração para poder chegar no ouvinte com mais profundidade e verdade.

O Autor

- CCII) Ferimentos na alma
Não cicatrizam enquanto
Não forem tocados.
- CCIII) O que estraga na gaga
Noção que temos das coisas
É nossa luz cega.
- CCIV) Ânias nos colocam
Nas distâncias que nos fundem
A caminhos rotos.
- CCV) MÚSICA 14
- “SÉRIOS”
- Sérios
Mistérios
Nos tocam
E retocam
Com os dedos
Do infinito.
- O grito
De nossos medos
Ecoa nas coisas que focam
E enfocam
Certos monastérios
Funéreos,
- Etéreos,
Aéreos
Sons são meios (REFRÃO-2X)
Somados aos veios
Dos rios
Dos ócios.

II. Antologias

- a) *Novos Poetas no Rio Grande do Norte*,
Fundação José Augusto
Gráfica Manimbu, Natal/RN, 1990;
- b) *Um dia A Poesia*, Ayres Marques
Gráfica Santa Maria, Natal/RN, 1996;
- c) *Poética Ribeirinha*,
Antologia Literária de Petrolina - 1995,
Elisabet Gonçalves Moreira
Universidade de Pernambuco, Recife/PE, 1998;
- d) *Opúsculo do Conselho do Clube dos Escritores
Piracicaba*,
C.N. Editoria, Piracicaba/SP, 1998;
- e) *I Antologia Nau Literária*,
Editora Komedi, Campinas/SP, 1999;
- f) *Dicionário Bibliográfico de Escritores
Brasileiros Contemporâneos*, Adrião Neto
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999;
- g) *Escritores Brasileiros Contemporâneos em Prosa
e Verso*, Adrião Neto
Edições Geração 70, Teresina/PI, 1999.

III. LIVROS A PUBLICAR

- a) Silêncios Atemporais (Crônicas)
- b) O Quarto de Teobaldo (Conto- Romance)
- c) O Incerto Tom das Quimeras (Crônicas)
- d) Os Olhos da Solidão (Poesia)

CCIX) No dia-a-dia
Uma monotonia

Intensa, uma vazia
Sensação vadia,

Uma ninharia
De pensamentos que silencia
Espectros, a correria
Que adia
Pegadas e gestos. Toda ousadia

Tem a alquimia
Do pensamento que cria
Em outros pensamentos a via
Cristalina da inércia
Obnóxia.

CCX) Longas caminhadas
Por estradas
Situadas
Em suadas

Percepções contaminadas
Por essências iluminadas
Pelas coisas estragadas.
Divagações espalhadas

Pelas mentes espreguiçadas
Em sim mesmas, antenadas
Com as possibilidades caladas

Das vozes usadas
Pelas faces atrapalhadas
Por facetas esturricadas.

aceitemo-nos. O universo precisa de nós para sobreviver e nós dele para permanecermos errando e titubeando em nossa imprecisão doentia.

CCXXI) Sejam fortes, ressuscitemo-nos.

CCXXII) MÚSICA 15

“SOZINHO”

Sozinho
Seguiu,
Fluiu
Não sentiu

O desalinho
Vil
De sua alma, a anil
Cor do covil

Dos seus pressentimentos.
Tossiu
No vazio, pariu
A dor que o viu

Nos momentos
A mil.
Ele é uma frágil
Figura dócil.

A Isabela e a Corrinha, com grande carinho e ternura;

A Dona Iaci e a Seu Heleno, duas crianças que me alicerçaram no sonho e no amor;

A Sebastião Simão, um amigo de admirável inteligência e sensibilidade;

A Luís Hélio, que possui uma alma de poeta e uma grande alegria de viver;

***** F I M *****

CIP - Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

869.1

L438m LEÃO, Aroldo Ferreira, 1967 -

Monólogo das Sombras / Aroldo Ferreira Leão -
Petrolina: Gráfica Mandacaru, 2000.

68p;il.,(Biblioteca da Fac. de Form. de
Professores de Petrolina / PE; Peça Teatral,11)

1. Literatura Brasileira. 2. Peça Teatral
I. Título.

MGBS-BFFPP

CDD-869.1

CDU-869.0(81)1

ISBN 00-0002

Índice para Catálogo Sistemático

1.Literatura Brasileira: Século 20: Peça Teatral 869

2.Século 20: Peça Teatral: Literatura Brasileira 869

espalham em cento e vinte e uma inserções criando um texto que procura dialogar com o leitor e/ou ouvinte sobre a vida que nos envolve e nos delimita nas coisas. Aparece em sete antologias, respectivamente: *Novos Poetas no Rio Grande do Norte, 1990*, livro organizado pela Fundação José Augusto com 43 poetas ganhadores de um concurso literário realizado em 1989 em Natal/RN; *Um Dia a Poesia, 1996*, livro e vídeo, organizados por Ayres Marques em Natal/RN; *Poética Ribeirinha-Antologia Literária de Petrolina-1995, 1998*, livro organizado por Elisabet Gonçalves Moreira em Petrolina/PE; *Coletânea do Conselho do Clube dos Escritores Piracicaba, 1998*, organizado pelo próprio Clube junto à C. N. Editoria em Piracicaba/SP; *I Antologia Nau Literária, 1999*, editado pela Editora Komedi com diversos escritores brasileiros em Campinas/SP; *Dicionário Biobibliográfico de Escritores Brasileiros Contemporâneos, 1999*, elaborado por Adrião Neto em Teresina/PI; *Coletânea de Escritores Brasileiros Contemporâneos em Prosa e Verso*, também elaborada por Adrião Neto em Teresina/PI. Aroldo também escreve crônicas, contos, romances, textos

PROJETO GRÁFICO
DIAGRAMAÇÃO, ARTE FINAL
ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Talentos Strategic Marketing

Dio Fonseca - design

Fones: (0**74) 611 3703

(0**74) 9997 8607

IMPRESSÃO

Gráfica Mandacaru

Rua São Vicente de Paula, 119

Centro

Petrolina - PE

Fonefax: (0**81) 861 1761

(0**81) 862 1256

LANÇAMENTO

Clube dos Escritores Piracicaba

Rua Jacob Diehl, 77

Fonefax: (0**19) 433 8568

Piracicaba - SP

COPYRIGHT©AROLDO FERREIRA LEÃO

Impresso no Brasil - 2000

ENDEREÇO DO AUTOR
PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Antônio Santana Filho, 600

Centro

Petrolina/PE

56.300-000

Fones: (81) 861 4752

(81) 9103 1998

e-mail: leao@silcons.com.br